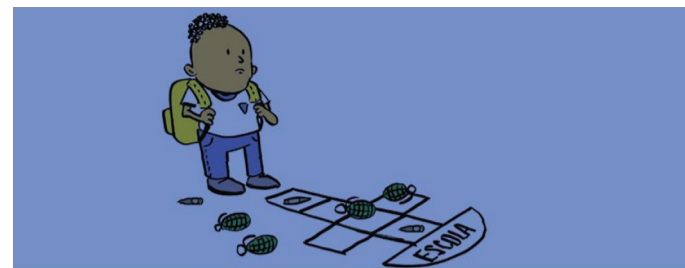


O Manguinho

NÚMERO 103 - 5 DE OUTUBRO DE 2023

INFORMATIVO SEMANAL DA COMUNIDADE DE PRÁTICAS INTERSETORIAL MANGUINHOS | SAÚDE, EDUCAÇÃO E ASSISTÊNCIA SOCIAL E CULTURA



Clique nesta imagem para acessar o relatório "Tiros no futuro: impacto da guerra às drogas na rede municipal do Rio de Janeiro", produzido pelo CESEC - Centro de Estudos de Segurança e Cidadania.

Diante da dor dos outros



Grito dos Excluídos em 2023. Em destaque: Mônica Cunha e a pequena Alyce Vitória Pinho Gomes, mãe e sobrinha de vítimas fatais de ações policiais nas favelas. Foto: Caio Oliveira.

Em Manguinhos, assim como em outras favelas da cidade do Rio de Janeiro, a reflexão sobre a relação entre “segurança pública, tráfico de drogas e violência” parece ser um dos assuntos mais citados quando as pessoas que vivem e trabalham nesses territórios são questionadas sobre os problemas que mais prejudicam a vida e a saúde. Falar sobre isso em um meio de comunicação com potencial circulação na comunidade é um desafio importante,

já que esse tema é uma realidade que afeta a vida de moradores e trabalhadores de diversas maneiras. Famílias são destroçadas com a perda prematura e violenta de entes queridos, escolas são impedidas de funcionar por conta de tiroteios, a experiência da educação passa a ser determinada pela cultura da violência, os problemas relacionados a saúde mental se multiplicam, e a brutalidade policial, a corrupção de agentes do Estado e as violações

de direitos humanos são naturalizadas como parte do cotidiano.

A lógica da violência

Quando o assunto desta edição foi colocado em discussão no grupo de WhatsApp a maioria dos que participaram desta conversa pareceram concordar que a violência física e armada presente em Manguinhos está associada às desigualdades sociais e a ausência de políticas públi-

cas voltadas à juventude. A oferta de uma educação pública de qualidade apareceu como uma prioridade nas propostas apontadas no enfrentamento deste problema.

No entanto, historicamente, a lógica da política de segurança pública de guerra às drogas tem sido exclusivamente a do enfrentamento físico e o uso da força. Tal lógica quando aplicada em territórios vulnerabilizados, periféricos e negros, como Manguinhos, se impõe de forma extremamente violenta. Nas últimas décadas, como afirma o relatório da pesquisa [Iniciativa Negra por Direitos, Reparação e Justiça](#), as execuções sumárias, chacinadas e desaparecimentos forçados tem ocorrido como parte da dinâmica de ações de grupos criminais e da segurança pública.

Drogas e segurança: um mercado lucrativo

Em Manguinhos não se produz drogas, muito menos armamentos, existe um mercado muito maior para além deste território. Para nos ajudar a compreender essa questão a gente conversou com a Monique Cruz, que é cria de Manguinhos, Assistente Social, professora da Escola de Serviço Social da UFRJ, coordenadora na Justiça Global e no Instituto Brasileiro de Ciências Criminais nos eixos de segurança pública:



Participaram desta edição como entrevistados: Monique Cruz, Daniel Dias e Letícia Maria.

“Me parece que o mais importante que a gente precisa considerar neste debate é justamente a diferenciação entre o que é o tráfico de drogas internacional - esse que mobiliza grandes indústrias de produtos químicos e produtos naturais também; e a circulação no mundo de mercadorias que são muito caras e que ao mesmo tempo são proibidas; e todos os mercados que estão envolvidos nisso, mercado de vigilância, de segurança, de controle, de armamentos etc - e o que a gente chama de tráfico, mas na verdade trata do varejo da drogas que é o que nos impacta mais diretamente no cotidiano da nossa vida. A necessidade que vem no entorno do comércio de substâncias proibidas, de um controle armado do território, de uma proteção a qualquer custo desta mercadoria que

é muito cara; do processo da violência policial numa falsa guerra às drogas, porque essa guerra na verdade não é contra as drogas, é contra as pessoas. Enfim, são muitas questões que a gente precisa considerar neste debate, mas a principal delas é tentar compreender como é que esses múltiplos impactos que a gente tem na vida estão divididos neste dois lugares: um que é o tráfico internacional e todo dinheiro que se investe nisso e o que é esse comércio varejista que impacta tanto a nossa vida no cotidiano.”

Pertencimento é importante!

Daniel Dias, que é preto, morador de Manguinhos, professor, pesquisador, estudante de pedagogia na UERJ, multiplicador da incidência política no Elas Existem e educador no Ciep Juscelino Kubitschek,

destaca que a exclusão do corpo negro é uma política de Estado. Ele também nos falou sobre o papel que a escola pode ter na reintegração de jovens que passaram pelo narcotráfico:

“Hoje o papel da escola, pra redução de danos, pra reintegração social destes indivíduos é criar políticas socioeducativas, incentivação dentro das escolas e principalmente trazer de volta o sentimento de pertencimento, que é o mais importante. (...) Tem uma crônica da Clarice Lispector que é muito interessante, que ela fala de uma narrativa de um homem que morreu, o mineirinho, que morreu com treze tiros. Na verdade ele morreu com um tiro e outros doze eram somente a vontade de matar. A gente entende hoje que o projeto do Estado não é um

projeto de ressocializar, nem de reintegrar essa população e esse indivíduo dentro da educação e sim cercar os seus direitos. E cada vez mais reforçar o local, o espaço o qual esse corpo vai ocupar.”

Letícia Maria, técnica de enfermagem e ex-trabalhadora do Centro de Saúde Escola Germano Sinval Faria nos enviou esse poema que ela escreveu há 15 anos:

“Guerreiro do pó, nasceu na favela, cresceu na viela, morreu sem lutar. Guerreiro do pó, sua vida é pequena, um flash apenas a se revelar. Na vida dos pobres, pequenos meninos, que sem destino vivem a sonhar. Com roupas, comidas, sapatos, meninas, sem alternativa, vão te acompanhar. Não posso chamá-lo de brasileiro, quando por outros guerreiros és chamado estrangeiro, querem te matar. Lembras guerreiro quantos companheiros já vistes morrer? Sem causa lutar? E esses guerreiros que foram tão cedo, batalha da vida, ficaram sem ganhar. Guerreiro do pó, nasceu da favela, caiu na viela, morreu sem lutar. Pobre guerreiro, medalha de honra não podes ganhar.”

Diante da dor das mães que perderam seus filhos, diante da dor de viver em territórios marcados pela violação de direitos e por violências, o que podemos fazer para transformar esta realidade?



Website
<https://intersetorialmanguinhos.ensp.fiocruz.br/>

Grupo de WhatsApp:
[Clique aqui para participar](#)

Este informativo é financiado com recursos públicos:
FIOCRUZ e Emenda Parlamentar [Nº 202041600014](#)

Equipe
Carlos Costa, Douglas Luddens, Franciele Campos, Fabrício Romero Saavedra, Luciana Santori, Marcelo Mendes, Maria das Mercês Navarro Vasconcellos e Quezia Cavalcante.

Projeto
Desenvolvimento de Tecnologias Sociais para o Enfrentamento à Violência(s) em Territórios Vulnerabilizados

